
Igreja de S. Pedro (Terena)

LEONOR ROCHA¹
CIDÁLIA DUARTE²

R E S U M O Este artigo apresenta o trabalho de acompanhamento arqueológico das obras de beneficiação e restauro da Igreja Matriz de S. Pedro (Terena), realizado pela arqueóloga da Extensão do IPA – Crato, nos meses de Abril e Maio de 2002.

Globalmente, este trabalho permitiu verificar que anteriores obras de restauro deste espaço tinham afectado o subsolo, danificando as sepulturas aí existentes. O trabalho de análise osteológica aqui apresentado limita-se a uma inventariação dos restos exumados, já que a sua recolha foi efectuada de forma não sistemática e tendo como principal preocupação a salvaguarda de ossos que se encontravam expostos.

A B S T R A C T During April and May 2002, restoration work was undertaken in the Church of S. Pedro (Terena). The programmed renovation implied the removal and replacement of the existing floor; responding to the local Church request, the archaeologist responsible for the IPA Extension in Crato accompanied the operation. It became evident that previous restoration work had affected the subsoil and had damaged the tombs present. New data on the building's architecture and on the nature of the tombs are presented here. Osteological analysis is limited to the inventory and description of the bones exhumed during construction. These represent solely the bones that were endangered by exposure.

1. Introdução

A Extensão do IPA – Crato realizou, a pedido do Cónego António Gato Lavajo Simões da Igreja de S. Pedro de Terena, o acompanhamento arqueológico das obras de restauro que se efectuaram nos meses de Abril e Maio de 2002, neste local.

O projecto desta obra previa o restauro geral do edifício que apresentava já inúmeras fissuras que estavam a colocar em risco a sua estabilidade. Para além disso, pretendia-se retirar todo o actual pavimento de madeira que se encontrava em muito mau estado, na nave principal, altar-mor, capela paralela (lateral esquerda) e também da sacristia (Fig. 1), e substituí-lo por um pavimento em xisto.

Uma vez que toda a obra se iria realizar com o apoio de várias instituições e com os ofertórios da população, foi solicitada ao Instituto Português de Arqueologia a realização do acompanhamento arqueológico.

A igreja tinha algumas lápides de mármore, localizadas ao longo do corredor da nave central e sensivelmente a meio desta, estendendo-se para os dois lados da nave, formando um “T”

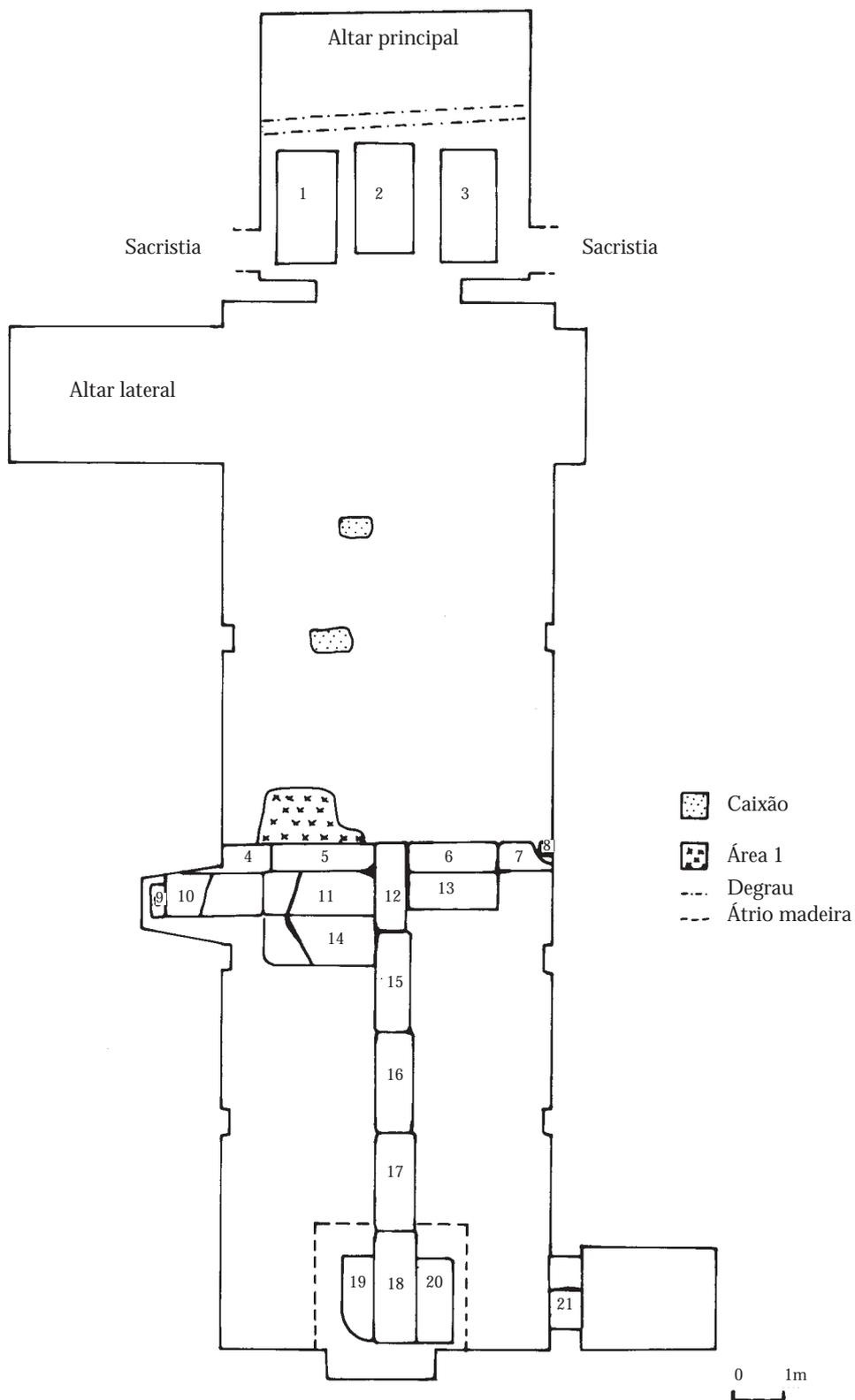


Fig. 1 Planta esquemática da nave central, altar lateral e altar principal com indicação das lápides e realidades identificadas.

(Fig. 1). O projecto inicial previa a transferência destas lápides para a área do altar-mor, numa zona menos afectada pela passagem das pessoas, de modo a preservar-se as letras que, em alguns casos, já se encontram muito desvanecidas.

2. Enquadramento histórico

Segundo Túlio Espanca (1978, p. 44-45) a actual vila de Terena é um antigo concelho fundado no período de D. Sancho II, tendo a sua origem entre os anos de 1231-59. A sua 1ª Carta de Foral é de Fevereiro de 1262, referindo-se aí a existência de um povoamento incipiente, talvez remontando ao período romano e árabe, com o nome de Odialvidivez ou Oidialviciez (Espanca, 1978; Calado, 1993). A presença árabe foi confirmada nas escavações realizadas no povoado do Castelo Velho (Hortinhas), onde foi possível identificar restos de estruturas e materiais islâmicos (Calado, 1993, p. 63-64). Terena foi posteriormente doada por D. Dinis a seu filho D. Afonso. Teve a sua primeira fortificação no reinado de D. João I, aquando da doação à Ordem de S. Bento de Avis e teve foral da Leitura Nova a 10 de Outubro de 1514.

A alcaidaria andou, durante séculos, na casa dos coudeis-mores da coroa, representados pelo genearca D. Nuno Martins da Silveira, rico-homem e escrivão da puridade de D. Duarte e D. Afonso V, que foi repovoador da vila, por mercê de 1482, denotando-se assim o estado de abandono a que Terena estaria votada nessa altura.

Na Baixa Idade Média era uma povoação fortificada, sem guarnição militar permanente em tempo de paz, tendo apenas duas companhias de ordenanças. Como praça aberta não resistiu à ocupação do Duque de S. German, em 1652.

D. José I, em 1753, elevou Terena a judicatura municipal, na corregoria própria, que era de ordinário o juiz de fora. Nesta data, foram ainda confirmados alguns privilégios, como a isenção dos moradores de portagem na feira franca setembrina. Em 1758 a vila possuía 271 fogos, com 479 habitantes, incluindo as Hortinhas (Espanca, 1978).

No século XVIII a vila era governada pelos condes da Ponte e, no século XIX, por decretos de D. João VI e D. Maria II (1824, 1835 e 1848) foi eleito o par do reino Sebastião Correia de Sá, reitor da Universidade de Coimbra e Chanceler da Relação e Governador das Justiças do Porto, como 1.º Conde e 1.º Marquês de Terena e Conde de S. Gil de Perre.

A Igreja Matriz de S. Pedro encontra-se localizada num ponto dominante a Sul do castelo (Fig. 2), e a sua fundação remonta, pelo menos, ao século XIV, mantendo prior e dois beneficiados. Do antigo templo não há indícios e do período quinhentista resta, na capela-mor, a planta quadrada, dado que as obras posteriores, efectuadas após o terramoto de 1755 e no século XIX, alteraram significativamente a traça da edificação.

Actualmente apresenta o aspecto da última reforma, oitocentista, com frontão axial de empena triangular (Fig. 3). A parede norte encontra-se contrafortada, protegida pela torre sineira, quadrada, e com quatro olhais. No interior mantêm-se ainda duas esculturas em mármore branco, do período gótico, nos acrotérios da fachada principal, as quais representam S. Pedro e Santa Catarina Mártir.

O interior apresenta planta rectangular, fruto das reformas efectuadas nos séculos XVIII (cerca de 1730) e no século XIX (1859). Segundo Túlio Espanca (1978, p. 49-52), a nave teria inicialmente quatro altares laterais, feitos à face da igreja, os quais eram consagrados ao Santo Nome de Jesus, a S. Miguel, a N. S.^a do Rosário e a S. Francisco. Depois do terramoto de 1755 foram substituídos por duas capelas rasgadas em arcos plenos.



Fig. 2 Vista geral da vila de Terena.



Fig. 3 Pormenor da fachada da Igreja de S. Pedro.

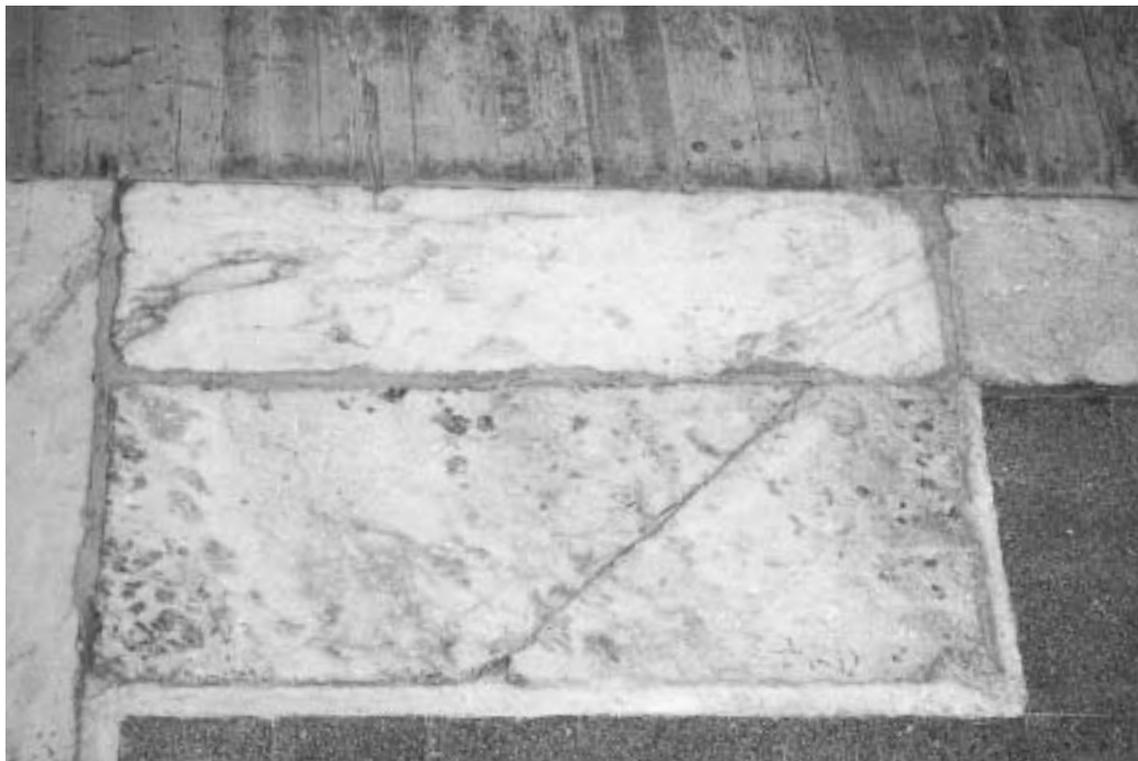


Fig. 4 Pormenor dos diferentes tipos de pavimentos existentes.



Fig. 5 Remoção do pavimento de madeira.



Fig. 6 Diferença altimétrica entre o pavimento actual e o anterior.



Fig. 7 Pormenor de uma das lápides do altar principal.

A capela-mor apresenta planta quadrangular (Figs. 1 e 5) e mantém a abóbada primitiva, com nervagem de aresta viva e bocetes cilíndricos. Está revestida de azulejos policromos (Fig. 7), do tipo maçaroca, datáveis de meados de seiscentos (Espanca, 1978, p. 50). A abóbada é dividida em três tramos separados por pilastras e os espaços maiores apresentam medalhões decorados com temas sacros. O retábulo do barroco português é atribuível ao reinado de D. Pedro II ou de inícios do de D. João V.

A sacristia não apresenta qualquer aspecto notável; estabelece a ligação com as casas das extintas irmandades (Santo Sacramento, Senhora do Rosário, S. Miguel, Venerável Ordem Terceira, S. Pedro e a confraria do Santo Nome de Jesus), construídas na face Sul do edifício. A igreja apresenta várias sepulturas espalhadas pela nave central e pela capela-mor (Fig. 7).

3. Acompanhamento arqueológico

O acompanhamento arqueológico da obra incidiu, fundamentalmente, na nave central, capela paralela e na capela-mor (Fig. 1), já que nas restantes áreas o actual pavimento não foi alterado.

Na capela-mor foi retirado o altar de alvenaria, construído nos anos sessenta, e o chão de madeira que rodeava as lápides (Fig. 7). A remoção deste altar permitiu pôr a descoberto uma sepultura que se encontrava tapada. A descrição das epígrafes, agora confirmada, segue a apresentada por Túlio Espanca (Espanca, 1978, p. 51). Em alguns casos, nota-se que a erosão superficial das lápides impede uma leitura tão precisa como a que foi efectuada por aquele investigador. A localização individual de cada lápide encontra-se indicada na Fig. 1.

Lápide 1 (com Brasão, Fig. 7):

AQVI IAZ DONA MARGARIDA FVRTADA MOLHER Q. FOI DE D.º DA SILVRª CVJA SEP.ª HE DELA E DE SEV MARIDO. O QVAL D.º DA S.ª DEIXA EM CAPELA A DEFESA D. CASCAVEL E OVTRAS DVAS ERDADES OBRIGADAS A VUMA MISSA COTIDIANA NESTA IGREJA DE SÃ PEDRO. 1545.

Esta lápide, de mármore branco, apresenta um brasão de armas esquartelado, com as três faixas de vermelho dos Silveiras e as 9 cunhas de azul, postas 3, 3 e 3, dos Cunhas, quartéis ambos repetidos (Espanca, 1978, p. 51).

Mede 1, 20 m de largura e 2, 39 m de comprimento.

Lápide 2 (central e anteriormente tapada pelo altar):

S.ª DE MARTIM DA SILVEIRA ALCAIDE – MOR E SÕR DE TERENA E DE SVA MOLHER DONA C.ª FALECEO A 15 DIAS DE DEZEMBRO. 1527.

Mede 1, 11 m de largura e 2, 24 m de comprimento.

Lápide 3

NON INTRES IN IUDICIO CVM SERVO TVO DOMINE QVIA NON IUSTIFICABITVR IN
CONSPECTV TVO OMNIS VIVENS.....(ilegível devido ao desgaste).....FALECEO A.....
DE..... DE.....15.... ANOS.

Mede 1,10 m de largura e 2,19 m de comprimento.

Nesta área apareceram alguns ossos humanos, dispersos e sem contexto. Foram recolhidos na zona adjacente às três lápides (Fig. 1) e representam os restos de vários indivíduos, entre adultos e crianças. As dimensões de cada elemento ósseo sugerem que os ossos adultos representam mais do que um esqueleto, indiciando a presença de, pelo menos três indivíduos. O conjunto composto pelos fragmentos designados por B (Quadro 1), corresponde a um infante, de idade perinatal, idade diagnosticada pela dentição decidua impactada, visível no maxilar inferior. A segunda criança, representada pelos ossos designados por A, deve ter falecido na primeira década de vida, a avaliar pela dimensão dos ossos que, embora fragmentados, são compatíveis com esse intervalo etário.

Na nave e na área do sub-coro aparecem ainda outras lápides, cuja descrição das inscrições segue também a apresentada por Túlio Espanca (Espanca, 1978, p. 51-52).

Quadro 1. Distribuição de elementos ósseos recolhidos no altar-mor, entre as lápides 1, 2 e 3.

Ossos	Grupo etário	Indivíduo	Porção
Falange manus distal	adulto	A	completa
Falange manus intermedia	adulto	A	frag proximal
Falange manus proximal	adulto	B	completo
Falange pes proximal 1	adulto	B	completo
Falange pes proximal 1	adulto	C	completo
2.º pré-molar inferior direito	adulto	B	completo
Malar	adulto	B	1/2 lateral
Malar	adulto	A	completo
5.º metatarsiano	adulto	A	completo
Occipital	adulto	A	foramen magnum
Vértebra lombar	adulto	A	arco posterior
Vértebra lombar	adulto	A	arco posterior
Costela 3-10	subadulto	A	
Costela 3-10	subadulto	A	
Falange pes proximal I	subadulto	B	completo
Fémur	subadulto	B	frag proximal
Maxilar inferior	subadulto	B	fragmento medial
Metacarpiano	subadulto	B	completo
Metacarpiano	subadulto	A	2/3 distais
Vértebra dorsal	subadulto	B	arco direito

Lápide 4

Não é visível nenhuma letra.

Mede 0,58 m de largura e 1,02 m de comprimento.

Lápide 5

S.^a DE ANT. FIGVEIRA (?) CABEÇADA FOI DA MATRIS DE S. PEDRO DE TERENA
F. A 15 DE ABRIL (?) DE 1604.

Mede 0,60 m de largura e cerca de 2 m de comprimento.

Lápide 6

S.^a DE LOPO VARELA E S. ERDROS.

Mede 0,57 m de largura e 1,83 m de comprimento.

Lápide 7

S. D.... MESTRE GA... NATVR..... VIDEPPIOI QUE DESTA VILA DE... GOSTO DE.....

Mede 0,56 m de largura e 0,90 m de comprimento.

Lápide 8 (Fig. 8)

.....SEVSE.... S.....ERA.....1(?)702

Mede 0,30 m de largura e 0,27 m de comprimento.



Fig. 8 Fragmento de lápide.

Lápide 9

Ainda com letras visíveis mas incompreensível.
Mede 0,70 m de largura e 0,30 m de comprimento.

Lápide 10

Ainda com letras mas incompreensível.
Mede 0,85 m de largura e 1,90 m de comprimento.

Lápide 11

S.^a DE BRIATIS FRIS FILHA DE DIOGO RICO MVLHER VIVVA QUE FOI

Mede 0,87 m de largura e 2,23 m de comprimento.

Lápide 12

Ainda com letras mas incompreensível.
Mede 0,70 m de largura e 1,70 m de comprimento.

Lápide 13

S.^a DE FERNÃO MIZ FALEIRO A D.S.M.º.....VI.....GLZ.

Mede 0,78 m de largura e 1,81 m de comprimento.

Lápide 14

S.^a DE ANT.º DA ASCENSÃO.....

.....
S. DE MOR RO /IZ MORE / NA E DE SEV ERDÕS

Mede 0,80 m de largura e 2,21 m de comprimento.
Túlio Espanca apresenta estas inscrições como sendo duas lápides, mas na realidade é apenas uma (Espanca, 1978:51)

Lápide 15

AQV JAZ ALV.º GLZ BARÃO DEBAIXO DESTA PEDRA FRIA O QVAL NVMQVA PER-
DOOV A LADRÃO POR SVA ALMA HVA AVE M.^a PEDE A TODO O FIEL CHRIS TÃO.

Mede 0,72 m de largura e 2 m de comprimento.

Lápide 16

S.^a DE M.EL ROGA DO E DE SVA M.º FR.CA DE FRZ (?) ANO....

Mede 0,78 m de largura e 1,82 m de comprimento.

Lápide 17

Ainda com letras mas incompreensível.
Mede 0,80 m de largura e 1,80 m de comprimento.

Lápide 18

Não é visível nenhuma letra.

Mede 0,79 m de largura e 2,14 m de comprimento.

Lápide 19

Não é visível nenhuma letra.

Mede 0,65 m de largura e 1,67 m de comprimento.

Lápide 20

Ainda com letras mas incompreensível.

Mede 0,60 m de largura e 1,74 m de comprimento.

Lápide 21

S.^a D..... FILHA DE.....ISABEL.....

Mede 0,62 m de largura e 1,46 m de comprimento.



Fig. 9 Ossos humanos do nível de entulho.



Figs. 10 e 11 Materiais recolhidos no nível de entulhos.



Fig. 12 Materiais recolhidos no nível de entulhos.

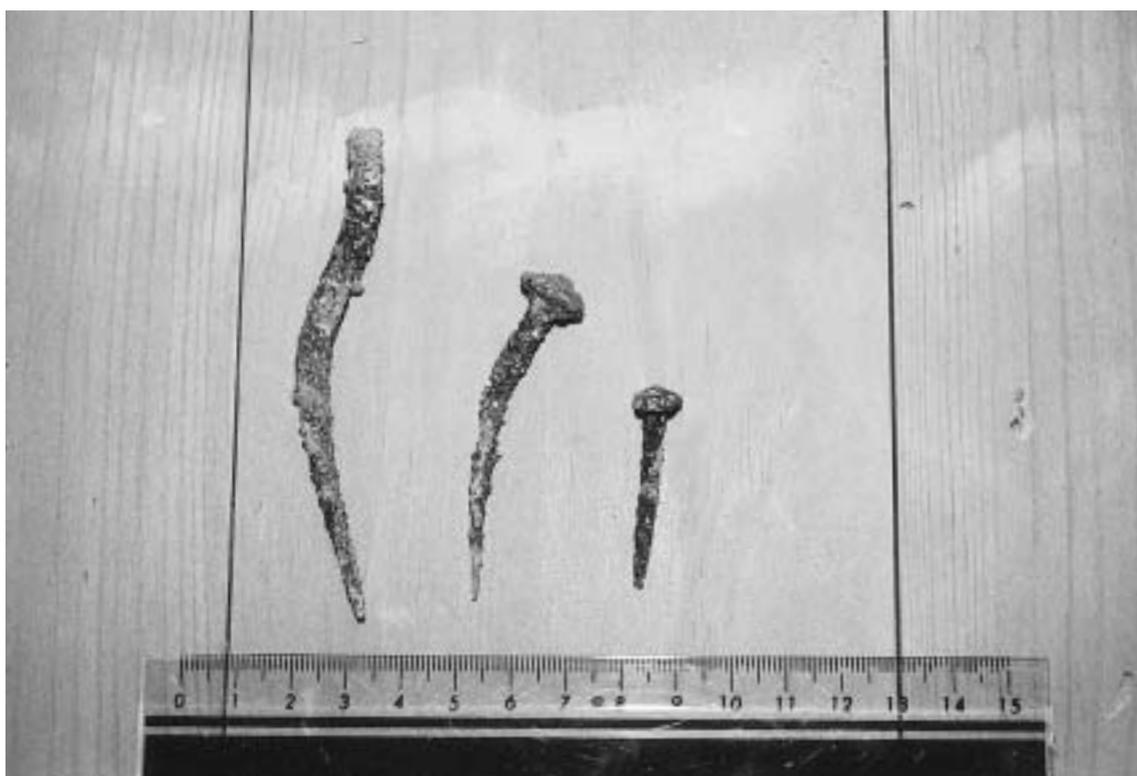


Fig. 13 Pregos de caixão.



Figs. 14 e 15 Ossos humanos recolhidos para análise.

O pavimento da nave da igreja não era homogêneo e estava, de certa forma, dividido a meio pelas lápides que se encontram dispostas sensivelmente a meio da mesma, formando um “T” em direcção à porta de entrada (Fig. 1). Assim, a metade superior apresentava um pavimento em madeira o qual se encontrava, em alguns locais, muito degradado, apresentando alguns buracos; a metade inferior, que se encontrava dividida pelas lápides do corredor, apresentava lajes de marmorite (Fig. 4). Esta obra no pavimento deve ser contemporânea da construção do altar em alvenaria na capela-mor, nos anos sessenta do século XX.

Todo o pavimento foi agora removido, à excepção das lápides. Ao retirarem-se as tábuas, foi possível observar que por baixo existia uma grande quantidade de entulho recente e que o chão anterior se encontrava cerca de 0,15 m abaixo do actual (Fig. 6). A regularização deste nível de entulhos para colocação do novo lajeamento de xisto permitiu observar algumas realidades:

1. o nível de entulhos era composto por restos de madeira, telhas de meia cana, fragmentos de cerâmica, ossos e dentes humanos (Figs. 14 e 15), papéis, seixos e fragmentos de xisto;
2. os inúmeros fragmentos de xisto correspondiam a um antigo pavimento. Em alguns locais foi ainda possível identificar lajes *in situ*;
3. havia ossos humanos misturados com este nível de entulhos (Fig. 9), alguns dos quais foram recolhidos;
4. em alguns locais foi possível identificar depressões no terreno, com madeira a desfazer-se, que deverão corresponder a caixões em decomposição;
5. na Área 1 (Fig. 1) individualizou-se um conjunto de ossos humanos associados a pequenos fragmentos de mármore;
6. recolheram-se dois fragmentos de lápides;
7. apareceram solas de sapatos a desfazerem-se, alguns pregos de caixões (Fig. 13) e uma dobradiça.

É desta área de entulhos que provém a maior parte dos ossos humanos recolhidos durante a obra que decorreu entre os meses de Abril e Maio de 2002 (Quadro 2). A sua dispersão e desconexão anatómica mostram que se trata de um conjunto de ossos resultante da perturbação espacial de zonas de enterramentos, provavelmente operada durante as obras sucessivas a que foi submetido este espaço.



Figs. 16 e 17 Aspecto final do pavimento na nave central e altar principal.

Quadro 2. Distribuição de elementos ósseos recolhidos na zona de entulho

<i>Osso</i>	<i>Lado</i>	<i>Conservação</i>	<i>Grupo etário</i>	<i>Indivíduo</i>
1.º metatarsiano	esquerdo	completo	adulto	C
1.º pré-molar inferior	direito	completo	adulto	A
1.º pré-molar inferior	direito	completo	adulto	A
1.º pré-molar superior	direito	completo	adulto	A
2.º metatarsiano	esquerdo	completo	adulto	A
2.º molar inferior direito	esquerdo	completo	adulto	A
2.º pré-molar inferior	esquerdo	completo	adulto	A
3.º metacarpiano	desconhecido	2/3 distal	adulto	A
3.º metacarpiano	direito	completo	adulto	A
3.º metacarpiano	esquerdo	completo	adulto	C
3.º metatarsiano	direito	1/2 proximal	adulto	B
Astrágalo	direito	completo	adulto	C
Canino superior	esquerdo	completo	adulto	B
Costela 12	esquerda		adulto	
Costela 3-10	2 frags.		adulto	
Costela 3-10	4 frags.		adulto	A
Costela n.º 1	direito		adulto	A
Falange manus intermedia	na	completo	adulto	A
Falange manus proximal	na	completo	adulto	B
Falange manus proximal	na	2/3 proximal	adulto	A
Falange pes proximal 2 a 5	na	completo	adulto	A
Falange pes proximal 2 a 5	na	completo	adulto	A
Fémur	direito	1/3 proximal	adulto	C
Fémur	esquerdo	2/3 proximal	adulto	A
Incisivo superior central	direito	completo	adulto	A
Incisivo superior lateral	esquerdo	completo	adulto	A
Maxilar inferior	direito	ramo ascendente	adulto	A
Metatarsiano	desconhecido	diáfise	adulto	B
Metatarsiano	esquerdo	1/2 proximal	adulto	B
Omolata	desconhecido	frag margem axilar	adulto	A
Rádio	desconhecido	epifise proximal	adulto	B
Rádio	direito	completo	adulto	A
Rádio	direito	frag distal	adulto	C
Rádio	esquerdo	2/3 distal	adulto	C
Rádio	esquerdo	1/2 diáfise	adulto	D
Vértebra	NA	frag corpo	adulto	A
Vértebra cervical 3-7	NA	arco esquerdo	adulto	A
Vértebra cervical 3-7	NA	completa	adulto	B
Vértebra cervical n.º 2	NA	incompleta	adulto	A
Vértebra dorsal	NA	corpo esquerdo	adulto	A
Vértebra dorsal	NA	corpo	adulto	A
Vértebra dorsal	NA	frag. esquerdo	adulto	B
Vértebra dorsal	NA	arco posterior	adulto	B
Vértebra lombar	NA	frag. arco posterior	adulto	A
4.º metacarpiano	direito	2/3 proximal	subadulto	A
Canino inferior	direito	completo	subadulto	A
Costela 3-10	1 frag.		subadulto	A

Quadro 2. Distribuição de elementos ósseos recolhidos na zona de entulho (continuação)				
<i>Osso</i>	<i>Lado</i>	<i>Conservação</i>	<i>Grupo etário</i>	<i>Indivíduo</i>
Costela 3-10	frag.		subadulto	B
Costela n.º 1	direito	completo	subadulto	B
Fémur	desconhecido	diáfise	subadulto	B
Metatarsiano	esquerdo	completo	subadulto	A
Occipital	na	fragmento	subadulto	A
Parietal	esquerdo	fragmento	subadulto	A
Úmero	desconhecido	diáfise	subadulto	B
Vértebra cervical 3-7	NA	arco esquerdo	subadulto	C
Vértebra cervical n.º 2	NA	arco direito	subadulto	A
Vértebra lombar	NA	completo	subadulto	C

A interpretação destes dados é difícil, dada a referida dispersão e desconexão. Contudo, é possível identificar a presença de vários indivíduos, de idades distintas e, sobretudo, a elevada frequência de crianças, de escalões etários distintos, representadas por indivíduos com poucos meses de vida e por crianças falecidas na primeira década de vida.

A perturbação do subsolo da igreja é patente mesmo no caso da Área 1 (Fig. 1), onde um conjunto de ossos em estreita proximidade foi recolhido e interpretado como os restos de um único indivíduo, a análise laboratorial demonstrou tratar-se de, pelo menos, três esqueletos, dois adultos, diagnosticáveis pelas dimensões distintas e incompatíveis dos ossos e uma criança, representada somente por uma falange da mão (Quadro 3).

Quadro 3. Distribuição de elementos ósseos recolhidos na Área 1, indicada na Fig. 1.				
<i>Osso</i>	<i>Lado</i>	<i>Porção</i>	<i>Idade</i>	<i>Indivíduo</i>
omoplata	esquerda	espinha	adulto	A
omoplata	direito	espinha	adulto	A
Calcâneo	direito	completo	adulto	A
Rádio	esquerdo	1/3 proximal	adulto	A
Rádio	direito	frag. diáfise	adulto	A
Falange pes proximal	na	completa	adulto	A
Falange manus intermédia	na	2/3 proximais	adulto	A
Cuneiforme lateral	direito	completo	adulto	B
Temporal	direito	rochedo	adulto	B
Costelas 3-10	desconhecido	3 frags. diáfise	adulto	B
Terceiro molar superior	direito	completo	adulto	B
Vértebra cervical n.º 2	na	frag. anterior	adulto	A
Vértebra cervical 3-6	na	2/3 esquerdos	adulto	A
Falange manus proximal	na	completa	subadulto	C

O núcleo de ossos designado por Conjunto Osteológico 2, também em relativa associação espacial, é composto por ossos de vários indivíduos, representando adultos de graus díspares de robustez, sugerindo a presença de, pelo menos, três indivíduos distintos (Quadro 4). Os ossos de subadulto não podem pertencer todos a um só indivíduo, possivelmente assinalando a existência de duas crianças de idades distintas.

Quadro 4. Distribuição de elementos ósseos do 'Conjunto Osteológico 2'				
<i>Ossos</i>	<i>Lado</i>	<i>Porção</i>	<i>Grupo etário</i>	<i>Indivíduo</i>
3.º molar superior	esquerdo	completo	adulto	A
5.º metatarsiano	direito	completo	adulto	A
5.º metatarsiano	direito	2/3 proximais	adulto	B
Calcâneo	esquerdo	completo	adulto	A
Canino inferior	direito	completo	adulto	B
Costela 3-10	1 frag.		adulto	
Costela 3-10	3 frags.		adulto	
Costela 3-10	direita		adulto	
Incisivo inferior central	esquerdo	completo	adulto	C
Incisivo inferior lateral	esquerdo	completo	adulto	C
Omoplata	desconhecido	espinha	adulto	B
Omoplata	desconhecido	ângulo inferior	adulto	A
Omoplata	direito	espinha	adulto	A
Perónio	direito	1/2 distal	adulto	A
Rádio	desconhecido	1/4 médio	adulto	A
Rádio	desconhecido	1/4 médio	adulto	B
Rádio	direito	1/8 distal	adulto	A
Semi-lunar	esquerdo	completo	adulto	A
Semi-lunar	esquerdo	completo	adulto	B
Vértebra dorsal	NA	1/2 posterior	adulto	A
Vértebra dorsal	NA	corpo superior	adulto	A
Vértebra lombar	NA	completo	adulto	A
Cúbito	esquerdo	completo	subadulto	75mm A
Metacarpiano	desconhecido	completo	subadulto	30mm B
Úmero	desconhecido	frag. diáfise	subadulto	A

Um terceiro conjunto recolhido, assinalado como *Conjunto Osteológico 3*, é composto exclusivamente por ossos de adultos, representando esqueletos de maior ou menor robustez, pelo que é possível assinalar um mínimo de 3 indivíduos (Quadro 5). Tal como nos exemplos anteriores, não existe qualquer conexão entre os vários elementos ósseos, sugerindo que este conjunto também faz parte do remeximento de sepulturas, resultante das obras sucessivas operadas no interior da igreja.

Quadro 5. Distribuição de elementos ósseos do 'Conjunto Osteológico 3'				
<i>Ossos</i>	<i>Lado</i>	<i>Porção</i>	<i>Idade</i>	<i>Indivíduo</i>
Costela 3-10	1 frag.		adulto	A
Costela 3-10	1 frag. anterior	adulto	A	
Falange manus proximal	na	completo	adulto	A
Falange pes proximal 2 a 5	na	completo	adulto	A
MTI	esquerdo	completo	adulto	A
Rádio	esquerdo	frag proximal	adulto	B
Calcâneo	esquerdo	completo	adulto	B
Calcâneo	esquerdo	frag.	adulto	C
Perónio	desconhecido	frag. diáfise	adulto	A
Rádio	direito	172 proximal	adulto	A

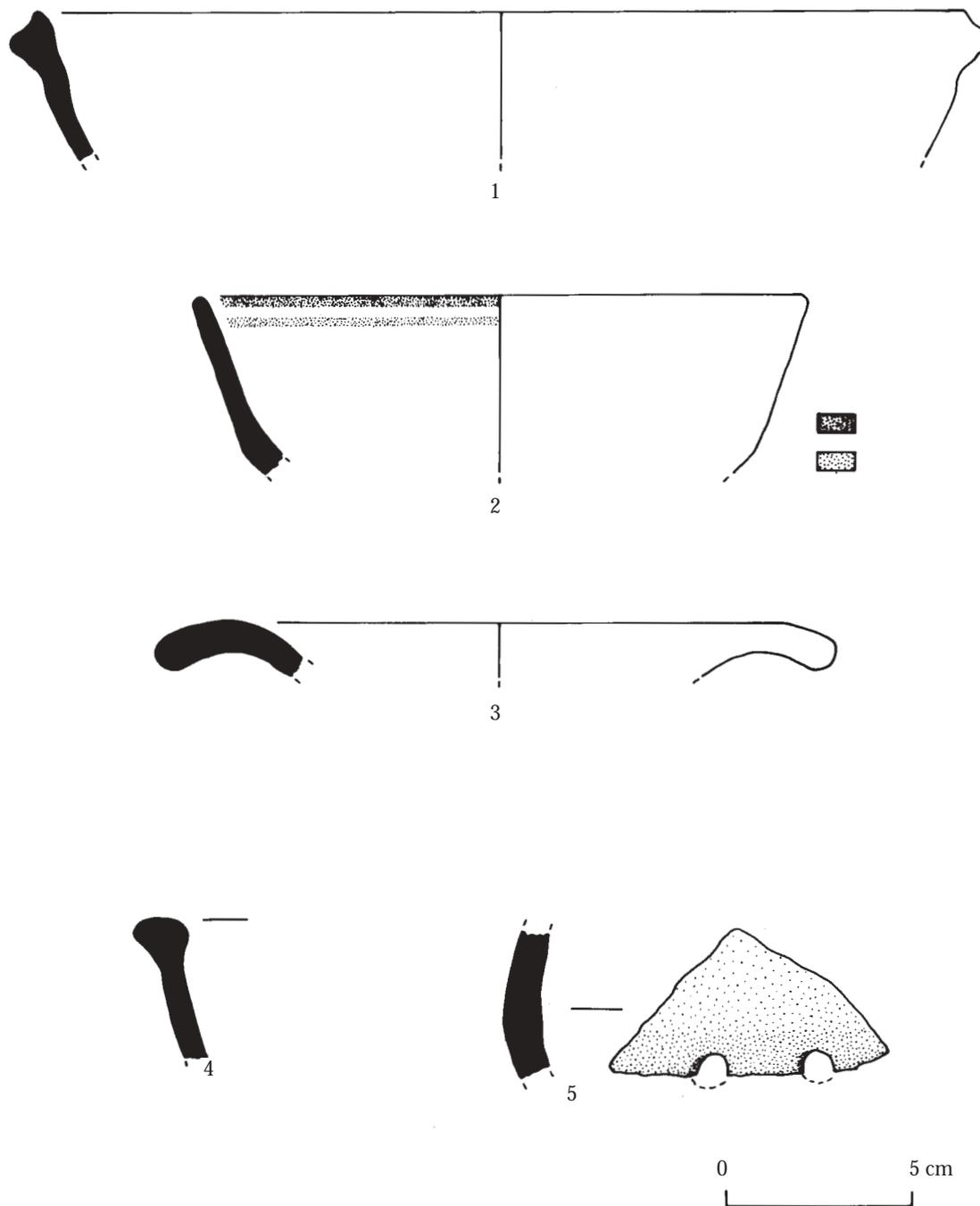


Fig. 18 Materiais da Igreja Matriz de S. Pedro [0]. 1 (com “laivos” amarelos), 3 (duas linhas em dois tons de roxo) e 4 – vidradas por dentro.

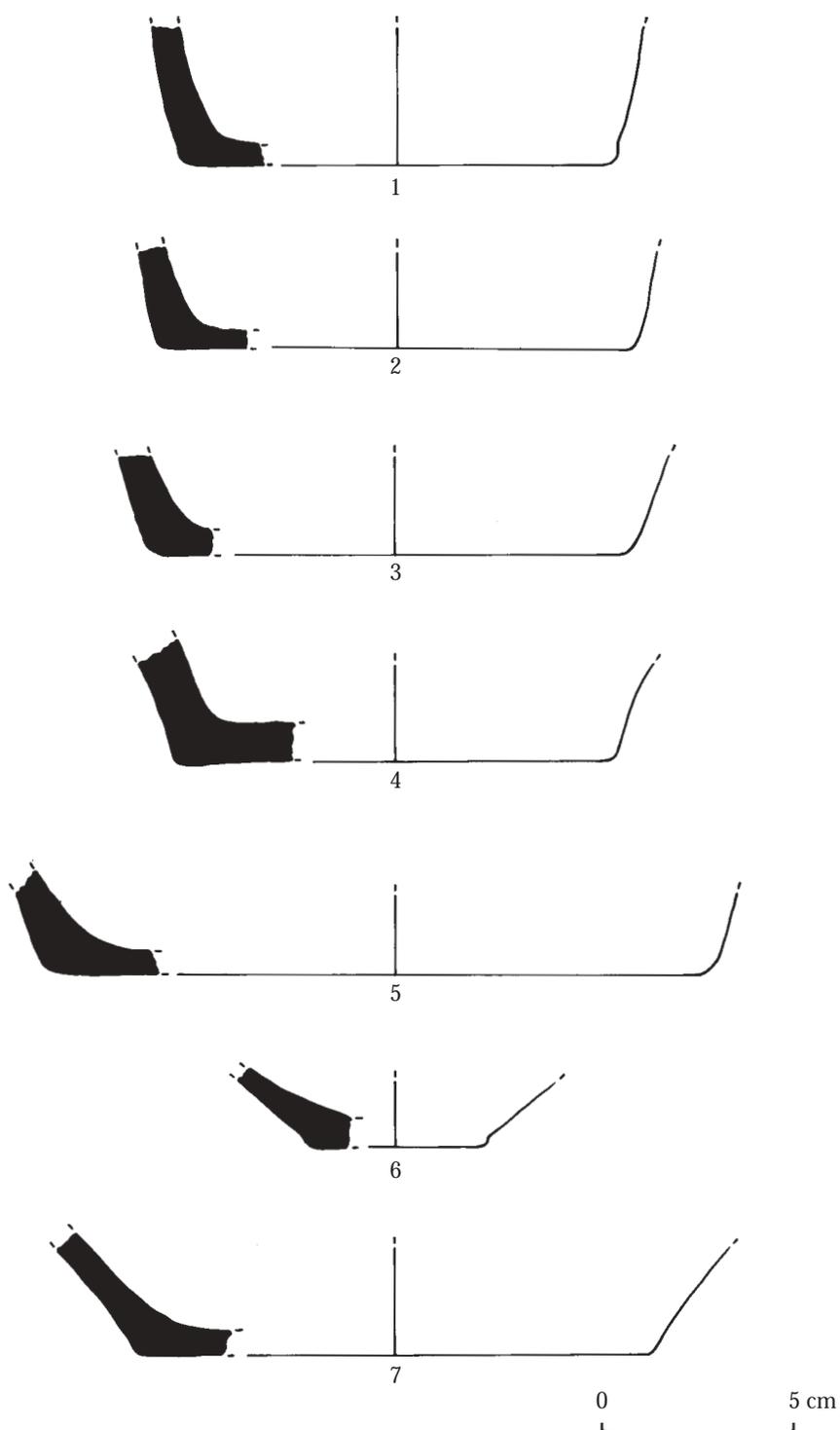


Fig. 19 Materiais da Igreja Matriz de S. Pedro [0]. 1, 2, 3, 5 e 6 (verde e amarelo) – vidradas por dentro.

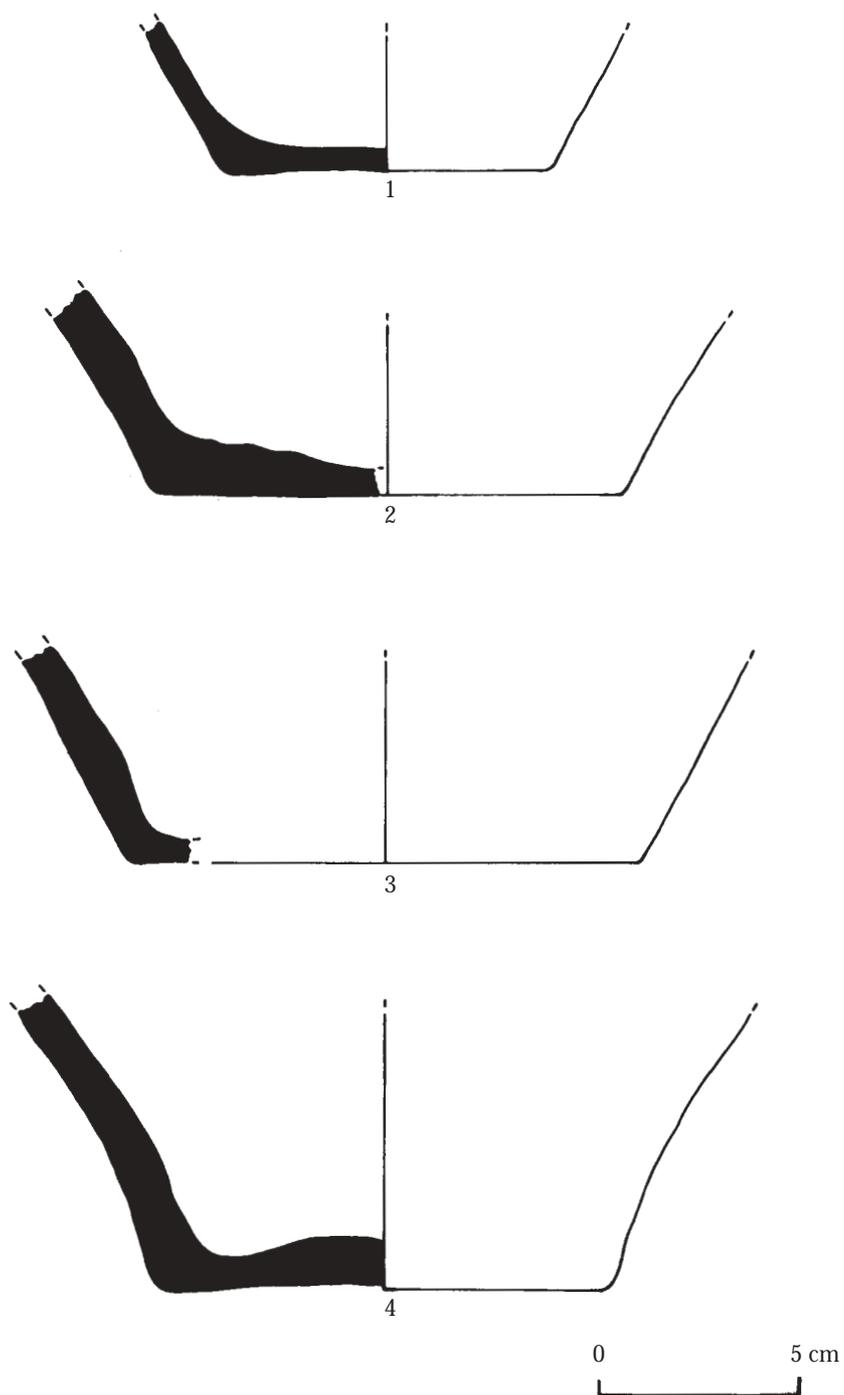


Fig. 20 Materiais da Igreja Matriz de S. Pedro [0]. 1 - vidrada por dentro.

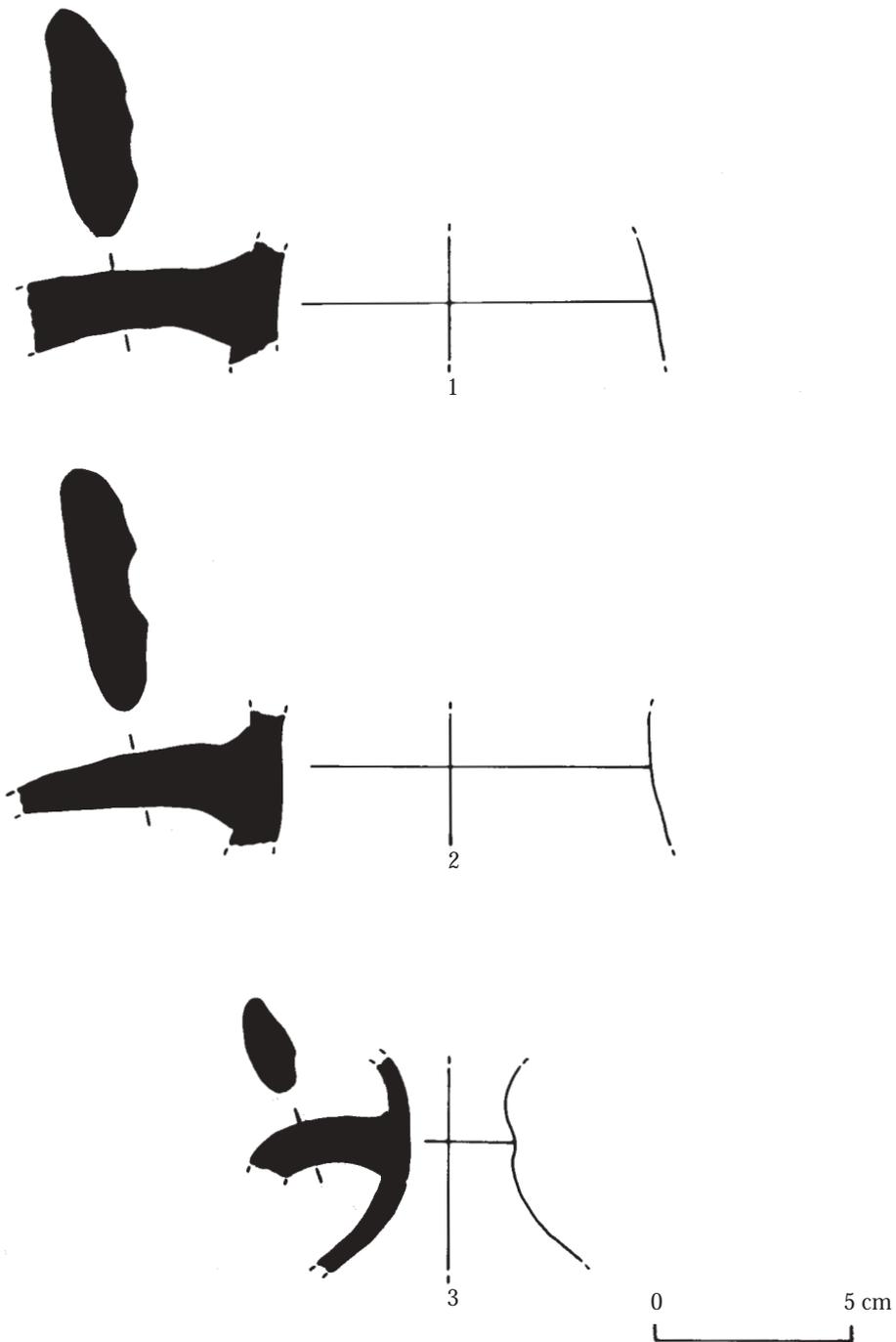


Fig. 21 Materiais da Igreja Matriz de S. Pedro [0]. 3 - vidrada.

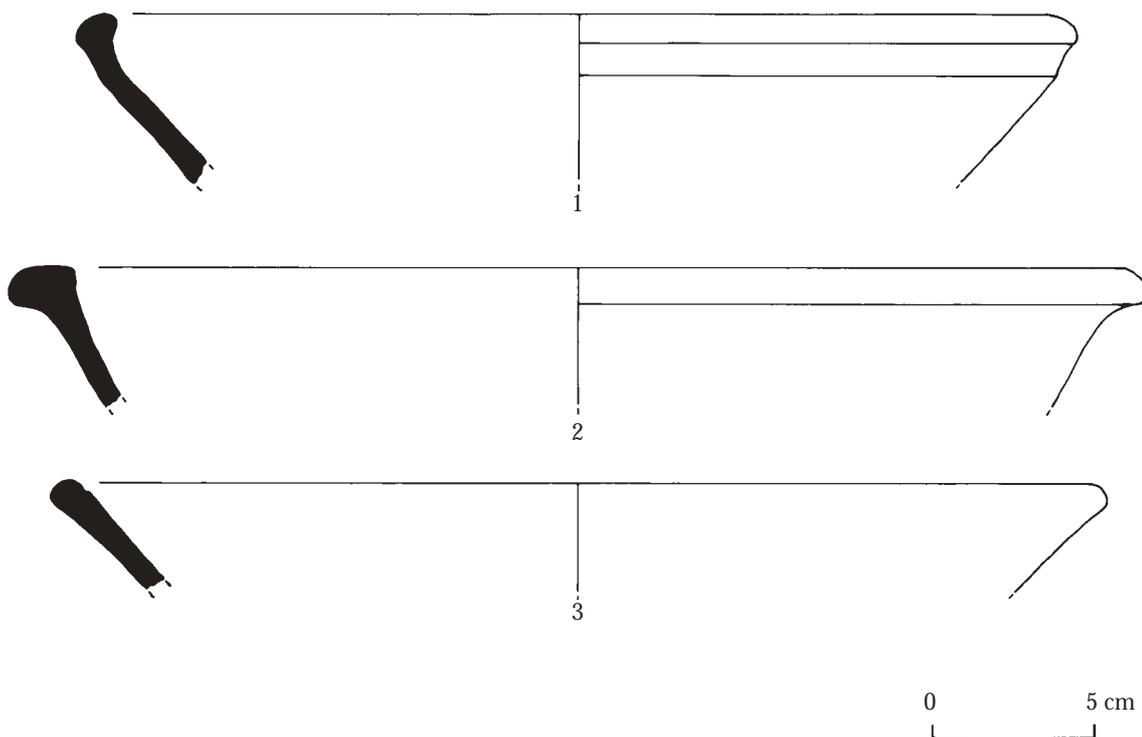


Fig. 22 Materiais da Igreja Matriz de S. Pedro [0]. 3 – vidrada por dentro.

Na capela paralela, para além da remoção do pavimento, retirou-se o altar de alvenaria; numa concavidade deste encontrava-se inserido um fémur humano e um forro geral em tecido adamacado vermelho que se encontrava apodrecido. Este fémur pode ter pertencido ao mesmo indivíduo a que pertencera o rádio a ele espacialmente associado. Trata-se de um adulto de estrutura robusta.

Nesta área procedeu-se a uma substituição do anterior pavimento por um de xisto e ao revestimento das paredes com azulejos brancos, com uma barra igual à existente na capela-mor.

Na sacristia a nova tijoleira foi colocada directamente sobre o antigo pavimento também de tijoleira, que se encontrava muito deteriorado.

4. Considerações finais

Da análise que pudemos realizar do nível de entulhos e pelas cerâmicas recolhidas, este é de formação recente, provavelmente dos anos sessenta do século XX.

Em relação ao grupo de lápides apresentado, são todas de carácter funerário e a maior parte não permite uma leitura completa. Muitas estão fragmentadas e algumas não se apresentam inteiras e encontravam-se ao nível do actual pavimento. Tendo em conta que existia um pavimento antigo 0,15 m abaixo deste, as anteriores obras de beneficiação tiveram necessariamente que as levantar o que explica a presença de ossos humanos misturados com os entulhos e a existência de fragmentos de mármore.

No entanto, dado que se pretendia retirá-las para outra área fez-se a tentativa de levantar algumas delas tendo-se verificado que por baixo destas aparecia um conjunto significativo de ossos, razão pela qual se optou por não as remover. Os ossos recolhidos representam, assim, somente um conjunto de elementos que se encontravam em perigo de conservação, dado que se

encontravam à superfície. A sua análise limitou-se à inventariação e identificação de escalões etários, através de indicadores osteológicos específicos (Ubelaker, 1989; Scheuer e Black, 2000). A robustez dos ossos foi igualmente tida em consideração no cálculo do número de adultos.

Dos elementos osteológicos analisados, é relevante a presença de elevado número de crianças. Tendo em conta que a sua inumação não é assinalada nas epígrafes legíveis, é interessante notar que elas sejam incluídas no espaço funerário da família, independentemente do escalão etário, sugerindo que o seu estatuto é considerado logo à nascença.

A análise destas epígrafes indicia que a igreja teria funcionado como espaço funerário desde a 1.ª metade do século XVI até, provavelmente, à construção do actual cemitério de Terena, construído em 1870. A lápide mais antiga ainda existente data de 1884. Pela leitura epigráfica verifica-se que eram inumados no interior desta igreja os indivíduos de estatuto social mais elevado. Regista-se também a utilização, em alguns casos, de caixões. Como não se realizou nenhuma escavação/sondagem no interior da igreja não dispomos de mais elementos sobre o tipo de inumações, nem sobre o eventual espólio associado a estes enterramentos.

Agradecimentos

Ao diácono Manuel Serrano, a elaboração da planta da igreja.

À Firma Grazina & Grazina, o apoio prestado durante os trabalhos arqueológicos.

À ARQUIZ (Associação de Defesa do Património) a cedência de um dos seus elementos, Carlos Ribeiro, para ajudar a signatária nos trabalhos arqueológicos realizados.

A Ana Martins, funcionária do IPA – Crato, a lavagem e marcação dos materiais arqueológicos.

À Técnica de Arqueologia, Conceição Roque, o desenho e tintagem dos materiais arqueológicos.

A Manuel Calado e Antonieta Soares, a revisão deste texto.

A Ana Daniela Espinha, amiga de longa data, a tradução do resumo para inglês.

NOTAS

¹ Arqueóloga do Instituto Português de Arqueologia, Extensão do Crato.

E-mail: p. irocha@ipa.min-cultura.pt

² Antropóloga do Instituto Português de Arqueologia, CIPA

E-mail: p. cduarte@ipa.min-cultura.pt

BIBLIOGRAFIA

CALADO, M. (1993) - *Carta arqueológica do Alandroal*. Setúbal: Câmara Municipal do Alandroal.

ESPANCA, T. (1978) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora. Concelhos de Alandroal, Borba, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Vila Viçosa*. IX. 1.º vol. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

(s.d) - *Livro da Visitação do Bispado de Évora. Visita do Arcebispado de Évora*.

SCHEUER, L.; BLACK, S. (2000) - *Developmental Juvenile Osteology*. New York: Academic Press.

UBELAKER, D. (1989) - *Human Skeletal Remains*. Washington: Smithsonian Institution.